



**Os Territórios e a Economia do Conhecimento:
que Respostas face aos Novos Desafios?**

Domingos Santos
CICS-UM, 3 de Novembro de 2011

Agenda

1. Novos desafios para os territórios.
2. O que nos dizem as abordagens da economia territorial da inovação?
3. Estratégias regionais de inovação: questões operacionais a que é necessário responder.
4. Barreiras associadas às estratégias do sector privado.
5. Barreiras associadas às estratégias do sector público.
6. Alguns equívocos.
7. Medidas de política para um (possível) roteiro de intervenção.

Novos desafios para os territórios

- Mudança de paradigma económico: do modelo *fordista* baseado na escala e nos baixos custos da mdo para um modelo competitivo baseado no domínio do conhecimento codificado (C&T).
- A afirmação competitiva das empresas deslocou-se dos factores condicionados pelos custos para os factores imateriais.
- A conquista de quotas de mercado é baseada na inovação, na diferenciação face à concorrência.
- Na economia global contemporânea, o “conhecimento é o principal recurso e a aprendizagem é o principal processo” - Lundvall.

O que nos dizem as abordagens da economia territorial da inovação? (1)

- Na economia do conhecimento as empresas competem com base na inovação.
- São os próprios meios que desenvolvem formas diversas de incubação e inovação empresarial - a empresa não pode ser vista como um agente inovador isolado.
- A empresa inovadora é entendida como produto do seu meio local e este é visto como o verdadeiro agente inovador.
- Algumas variáveis parecem ser críticas no desenvolvimento local e regional:
 - a qualidade da formação do capital humano;
 - a existência de potencial de I&D;
 - a existência de redes de inovação;
 - a capacidade regional de absorção de conhecimento estratégico;
 - a existência de quadros de governação adequados .

O que nos dizem as abordagens da economia territorial da inovação? (2)

- O acesso das empresas/territórios ao conhecimento é crítico.
- O enfoque analítico desloca-se das unidades produtivas para os recursos da inovação (a cultura técnica, as relações de cooperação, etc.) que moldam esses meios inovadores.
- A abordagem da economia territorial da inovação assume uma vantagem comparativa já que permite combinar respostas que envolvem:
 - a dinâmica económica dos mercados;
 - a dinâmica interna da produção de conhecimento;
 - os mecanismos de governação multi-nível.

O que nos dizem as abordagens da economia territorial da inovação? (3)

- As estratégias de intervenção têm seguido duas vias:
 - promoção de clusters ou cadeias de valor que drenam para os mercados finais, com ligações aos sistema C&T de suporte – ***demand-side oriented***;
 - definição de objetivos científicos e tecnológicos comuns e a sua transferência para o tecido empresarial – ***supply-side oriented***.
- Fundamental passar para um modelo menos linearizado de fomento regional da inovação – de base territorial.

Estratégias regionais de inovação: questões operacionais a que é necessário responder

- Como é que a colaboração entre os diferentes actores dos sistemas de inovação pode ser organizada externamente?
- Com o é que o trabalho orientado para o conhecimento e a inovação pode ser organizado internamente?
- Como responder eficazmente ao efeito bipolar: globalização vs territorialização?
- Como ajustar/redefinir o comportamento dos actores empresariais e regionais face aos novos desafios?
- Quais são os passos críticos a percorrer no sentido de passar de um modelo estático baseado em vantagens comparativas para um outro dinâmico, de vantagens competitivas de *meio*?

Barreiras associadas às estratégias do sector privado (1)

- Perfil e características das empresas – larga maioria PMEs (mais P do que M..), com deficiências estruturais em termos de recursos humanos e de organização;
- Estratégias empresariais baseadas mais em volume e escala do que em diferenciação e inovação;
- Défice de uma procura empresarial de *inputs* de CT&I;
- Predomínio de uma noção restritiva de inovação – modernização associadas a estratégias de inovação;
- Falta de uma cultura de diálogo entre as empresas e a academia;

Barreiras associadas às estratégias do sector privado (2)

- Insuficiente *networking* inter-empresarial e inserção em redes de cooperação;
- Falta de visão estratégica e de envolvimento da gestão de topo;
- As fontes de conhecimento são externas quer às empresas quer à sua área geográfica – as dinâmicas de inovação não estão imbricadas regionalmente;
- Fragilidade de alguns sectores tradicionais mais expostos à concorrência internacional (ex., TVC).

Barreiras associadas às estratégias do sector público (1)

- Défice de uma resposta estratégica colectiva;
- Formulação de políticas *top-down* – a voz dos interessados não é ouvida no design dos instrumentos de política;
- Prevalência de abordagens *technology-push* – não há exemplos de políticas de apoio baseadas no fomento do *networking* e na aprendizagem colectiva;
- Instrumentos são focados nas infra-estruturas e em investimentos tangíveis;
- As IES ainda se comportam basicamente como fornecedoras de recursos humanos qualificados em vez de motores activos do desenvolvimento económicos.

Barreiras associadas às estratégias do sector público (2)

- Plasticidade limitada das autarquias locais;
- Políticas C&T nacionais: focadas no reforço do SCTN e na capacitação das empresas para a internacionalização mas com falta de ajustamento e adequação às especificidades regionais;
- Políticas centradas na aprendizagem e na *experimentação* são ainda residuais;
- Falta de coordenação e integração de instrumentos de política – a típica abordagem sectorial não permite a constituição de um sistema coerente a nível territorial;
- O interface público-privado – um contínuo desajustamento.

Alguns equívocos

- **O equívoco *tecnopolitano*** - o síndrome de Silicon Valley.
- **O equívoco dos “sectores de ponta”** – o mito da aposta em sectores emergentes.
- **O equívoco da injeção de factores de C&T** – o síndrome da *catedral no deserto*.
- **O equívoco da concepção de inovação** – o mito do determinismo tecnológico.
- **O equívoco da densidade institucional** – “Demasiados carpinteiros derrubam a casa!”

Medidas de política para um (possível) roteiro de intervenção (1)

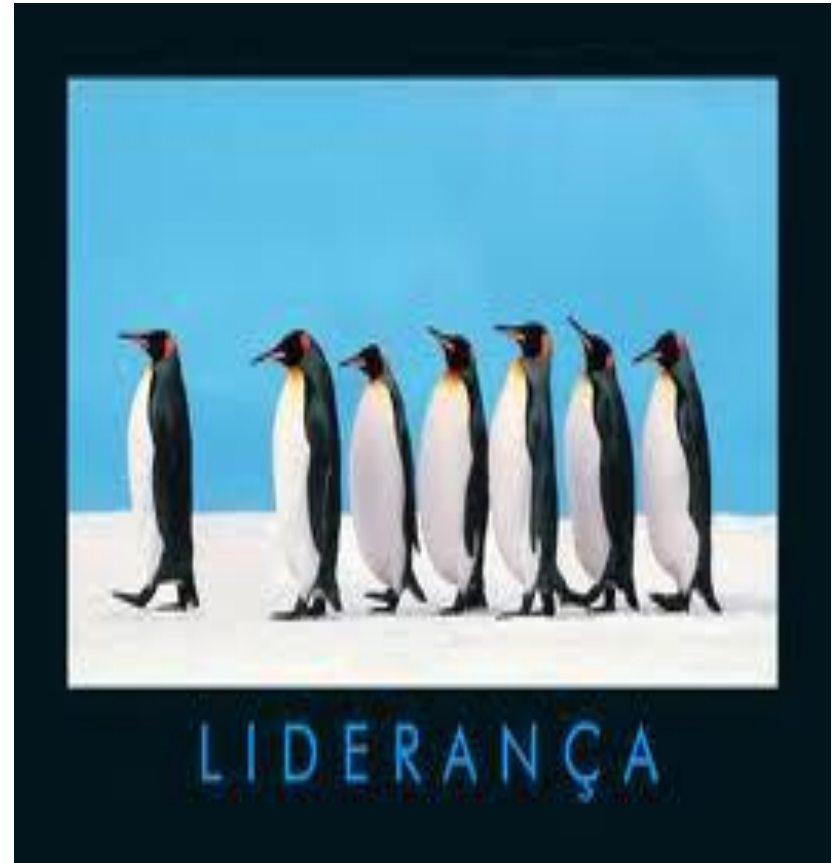
- Formular ERI que não sejam difusas, confusas ou descontínuas – **uma agenda regional;**
- Responder ao *gap* relacional entre os actores regionais – **uma plataforma regional;**
- Garantir instituições *pivot* – **uma liderança regional;**
- Assegurar a criação, disseminação e absorção de conhecimento estratégico – **uma dinâmica colectiva regional de aprendizagem;**
- Focar nos desafios das PMEs *low-tech* que vertebram o universo produtivo regional – **um alvo regional prioritário;**
- Delegar competências da administração central em matéria de fomento competitividade territorial nas estruturas regionais e locais – **uma política de inovação regionalizada.**

Medidas de política para um (possível) roteiro de intervenção (2)

Existe estratégia?



Existe liderança?



Medidas de política para um (possível) roteiro de intervenção (3)

Conseguimos aprender colectivamente?



Pensamos à escala global?





Obrigado!